

Veja
21/9/98

106104

Class. 17

Amazônia

É fogo, outra vez

Há meses sabia-se que o risco de queimadas era grande neste ano. Ninguém fez nada

Alexandre Mansur

O filme repete-se todo ano de forma constrangedora para o Brasil. São florestas pegando fogo, parques nacionais destruídos pelas chamas, aeroportos fechados em virtude da fumaça. Essas cenas correm o mundo sempre nesta época do ano. Elas são péssimas para a imagem brasileira no exterior porque revelam um país incapaz de zelar pela sua própria riqueza natural. Na semana passada, o fogo estava outra vez destruindo áreas enormes da Amazônia e de outras regiões no interior do país. Havia incêndios em vários parques nacionais, como o da Chapada Diamantina, na Bahia, o do Araguaia, ao norte da Ilha do Bananal, e o da Chapada dos Veadeiros, em Goiás (veja mapa). Os primeiros levantamentos mostram que nunca se queimou tanto no Brasil. O satélite NOAA 12, que passa sobre o país todas as noites, registrou 24 700 focos de calor na superfície durante o mês de agosto. No mesmo período do ano passado, que também bateu um recorde, houve 17 200 focos — um terço a menos que neste ano.

Piores do que a própria tragédia são a forma e a frequência com que ela se repete. No início deste ano, um incêndio em Roraima arrasou uma área equivalente a quase quatro vezes o município de São Paulo. Só acabou com a chegada das chuvas. Com as cinzas ainda quentes, o governo federal anunciou um investimento de 26 milhões de reais em treinamento e equipamentos de combate ao fogo. O dinheiro, disponível desde abril no Banco Mundial, ainda não saiu devido à morosidade da burocracia brasileira. O resultado não podia ser outro: as labaredas estão de volta e os recursos são insuficientes para combatê-las.

Incêndio criminoso — É fácil atribuir a culpa ao El Niño, fenômeno climático que atrasou a chegada das chuvas. A seca prolongada deixou a vegetação facilmente inflamável. Em boa parte do Mato Grosso, onde se concentram os maio-

res focos de queimadas, não chove há mais de cinco meses. A seca é um fenômeno natural que ocorre em várias regiões do mundo. A diferença, no caso brasileiro, é o que se faz para prevenir o risco de incêndios. Em países como o Canadá e os Estados Unidos, os incêndios florestais são comuns, mas as autoridades redobram a vigilância nos meses em que a vegetação está seca. O fogo, quando acontece, geralmente é resultado de acidentes ou descuido, como um fósforo ou um cigarro aceso atirado à margem de uma rodovia. No Brasil, o incêndio muitas vezes é provocado de forma deliberada e criminosa. É o que ocorre, por exemplo, nos parques nacionais do Araguaia e da Chapada Diamantina, cujas áreas de campo são queimadas por pecuaristas com o objetivo de aproveitá-las como pastagem para o gado durante a rebrota, na época das chuvas. Esses parques nacionais são invadidos e incendiados pelos fazendeiros regularmente todos os anos. E ninguém faz nada.

“Mesmo sendo proibido, não há como evitar”, admite José Carlos de Moraes, do Sistema Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais (PrevFogo) do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente. No período de estiagem, que vai até novembro, o órgão fica perdido na fumaça. Tem apenas 36 carros para fiscalizar toda a área onde ocorrem mais queimadas. É uma faixa no sul da Amazônia cinco vezes maior do que o território da Alemanha. As secretarias estaduais e municipais de Meio Ambiente, por sua vez, não têm programas para ensinar aos agricultores técnicas mais modernas de cultivo das lavouras. O uso do fogo para o preparo do solo é uma prática secular nessas re-

O Brasil em chamas

Em agosto, o satélite de órbita noturna do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais registrou mais de 24 000 focos de incêndio no sul da Amazônia e na região do cerrado, um número recorde. Veja onde está queimando

RONDÔNIA E ACRE

As queimadas usadas para renovar as pastagens levantam nuvens tão densas que o aeroporto de Rio Branco interrompeu suas operações duas vezes na semana passada

MATO GROSSO

Há fogo fora de controle em todo o Estado. O aeroporto de Cuiabá interrompeu as operações por diversos períodos de até sete horas. As áreas mais críticas estão na região nordeste, perto do Parque Indígena do Xingu

GOIÁS E DISTRITO FEDERAL

A pior seca dos últimos dez anos abriu caminho para o fogo, na região oeste do Estado. Uma área equivalente a 160 estádios do Maracanã queimou no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Na semana passada, até um trecho perto do aeroporto de Brasília pegou fogo

O Ibama dos madeireiros

Uma descoberta feita na semana passada indica a existência de dois Ibama na Amazônia. Um trabalha contra os madeireiros. O outro, a favor deles. Investigações conduzidas pelo próprio órgão revelaram que sua direção no Acre estava envolvida com um grupo madeireiro que retira ilegalmente mogno da região. A suspei-

ta apareceu durante a Operação Macauã, destinada a combater a extração clandestina de madeira na Amazônia e que envolve 300 agentes do Ibama em toda a região. Depois de apreender 25 000 metros cúbicos de toras nos últimos quatro meses, a operação chegou ao nome de Onildo Bezerra. Conhecido empresário

Veja
2/9/98
17
10 fev.

TOCANTINS

O fogo ateado por agricultores na Ilha do Bananal escapou do controle e invadiu o Parque Nacional do Araguaia. Uma grande área foi queimada apenas na semana passada (foto)



BAHIA

Os incêndios se concentram na região central do Estado, na Chapada Diamantina. Os principais focos estão em fazendas perto de Lençóis e dentro do parque nacional, onde vales inteiros foram arrasados pelas chamas

giões. É um modo rudimentar e desastroso de cultivar a terra. A cada hectare limpo pelo fogo para agricultura, uma área produtiva do mesmo tamanho é arrasada por acidente. Isso quando o incêndio não escapa completamente ao controle e invade os últimos redutos de vida selvagem, como ocorreu na semana passada no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

Floresta-combustível — Neste ano, os incêndios eram mais do que previsíveis. Devido ao El Niño, mesmo a floresta úmida perdeu tanta água nos últimos meses que se tornou inflamável. “A mata, que antes servia como barreira natural ao avanço do fogo de pastagens ou campos agrícolas, agora pode se incendiar”, explica a bióloga Adriana Moreira, presidente do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia, Ipam. “Bastam dez dias sem chuvas para que as florestas secundárias, aquelas usadas para extração de madeira, atinjam seu ponto máximo de combustão”, acrescenta Carlos Castro, representante da Organização das Nações Unidas no Brasil. No início do ano, o Ipam chegou a divulgar um mapa assinalando que 10% da região estaria fadada a queimar se nada fosse feito.

Uma das poucas providências tomadas neste ano é uma operação do Ministério do Meio Ambiente batizada de Proarco. Ela envolve o Corpo de Bombeiros em vários Estados, a Defesa Civil, o Ibama e a Aeronáutica. Técnicos do PrevFogo, de plantão em Brasília, analisam quatro imagens diárias geradas por satélites, monitoram a ação das brigadas estaduais ou enviam um grupo da força-tarefa, do Distrito Federal. Graças a essa operação,

do ramo madeireiro, ele rasgou 51 quilômetros de floresta para construir uma estrada de terra que liga o Acre ao Amazonas. Dali, retirou mais de 1 200 metros cúbicos de mogno, avaliados em 1,5 milhão de reais. Embora fosse extraída no Amazonas, a madeira seguiu para o sul do país e para o exterior através do Acre. O motivo: toda a documentação, irregular, que

autoriza Onildo Bezerra a cortar e explorar mogno exibe a assinatura da superintendente do Ibama no Acre, Railda Pereira da Silva. A parte da madeira que era comercializada em tábuas saía da serraria C.M. Neto, localizada no município de Sena Madureira, a 150 quilômetros de Rio Branco. Combater os madeireiros que devastam a Amazônia é uma tarefa ár-

dua. A região tem mais de 5,1 milhões de quilômetros quadrados, o equivalente a 60% do território nacional. O acesso é difícil e o número de fiscais na área, irrisório. A situação fica mais complicada quando gente do próprio Ibama, órgão encarregado de defender o meio ambiente, se alia aos destruidores da floresta.

Klester Cavalcanti, de Rio Branco

o foco de incêndio que começou no sábado 22 em dois trechos da Ilha do Bananal já havia sido parcialmente controlado na quinta-feira seguinte, devido à ação de bombeiros de Tocantins e técnicos do Ibama. A operação é uma boa idéia, mas não há recursos para atacar todos os milhares de frentes de incêndio detectados pelo satélite. Seus resultados poderiam ser muito melhores se tivesse havido prevenção para que o fogo não começasse. Agora, só resta torcer para que chova logo.